

# Brasília: quem te viu, quem te vê...

Messias Costa (\*)

Brasília tem mudado muito, e rapidamente, nos últimos tempos. Mudado para pior, é claro. Infelizmente.

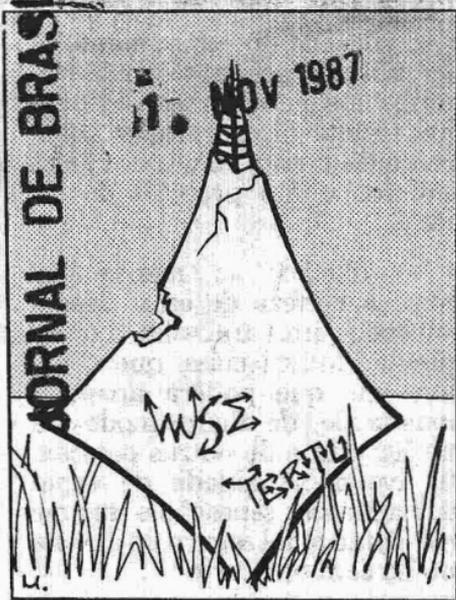
Quem mora no Plano Piloto há, pelos menos, cinco anos tem notado a enorme diferença. O asfalto da cidade que, não faz muito tempo, era uniforme e compacto, hoje está remendado por toda parte. O trânsito que era civilizado e calmo, agora está péssimo e indisciplinado. Ninguém buzina nesta cidade, todos obedeciam aos semáforos. Hoje não é mais assim. Parece que os motoristas estão mais apressados e, muitas vezes, nem o sinal vermelho nas faixas de pedestres é respeitado.

Alguns semáforos por volta das 21 horas já se encontram só no amarelo, piscando. Muito compreensível isto seria, se neste horário o trânsito fosse menos intenso. Mas não é o que se verifica pelo menos na Avenida W/3 e noutros cruzamentos de mais movimento.

As placas de indicação de quadras e de trânsito, outrora bonitas com letras brancas bem nítidas sobre fundo verde, já estão quase todas destruídas. Hoje é difícil encontrar uma que não tenha sofrido a ação dos "grafiteiros" ou que não tenha sido emplastrada com papel de propaganda. Algumas placas chegaram a cair, outras estão pensas e, possivelmente, não atravessarão de pé a nova estação das águas. Das que caíram, algumas se encontram há meses no mesmo lugar, à espera, talvez, dos colecionadores. Os pontos de ônibus, prédios e muros também foram pichados.

Terminada a pichação e, em alguns casos, a própria destruição das placas, a ação, a partir deste ano, volta-se contra as pessoas. Assim, o que mais preocupa Brasília, no momento, é a questão da segurança. Até há pouco tempo esta cidade era calma e as pessoas podiam inclusive caminhar despreocupadas, à noite, pelas quadras. Hoje a história é outra. Assaltos, furtos, seqüestros, estupros, entre outros crimes, acabaram com o sossego de Brasília. Até o jogatina já rola solta bem no centro da cidade. Exatamente na metade do trecho entre o Palácio do Planalto e o Palácio do Buriti as pessoas jogam, valendo dinheiro, em plena luz do dia, na calçada, todos os dias da semana.

Muito mais acontece nesta cidade ainda bela, famosa e maltratada: a sujeira tomou conta do Eixo Monumental, da Esplanda dos Ministérios e das quadras. Os



carros já estacionam sobre as calçadas faltando ainda bastante tempo para o Natal. Os gramados, em muitos lugares, estão pisados e semidestruídos. Nem os telefones funcionam como antes. Agora é preciso discar muitas vezes para se conseguir uma ligação. Quando se consegue linha o telefone dá sinal de ocupado. Há mais coisas obviamente. Há, inclusive, problemas crônicos e mais sérios que demandariam uma análise mais demorada, como é o caso das favelas do Plano Piloto, do racionamento de água e o das queimadas no tempo do estio, da vegetação, e de outros problemas característicos das cidades-satélites.

A justificativa óbvia que geralmente se dá para esta mudança para pior é a de que à medida que a cidade cresce a deterioração da qualidade de vida se torna inevitável. É uma justificativa comodista e que não satisfaz. Se fosse verdadeira, cidades como Tóquio, Londres ou Nova Iorque, por exemplo, seriam inabitáveis. Mas pelo que se vê, Brasília tende mais mesmo, e a passos rápidos, é para o lado dos problemas de São Paulo ou do Rio de Janeiro.

É uma pena que estas coisas estejam acontecendo nesta cidade que nasceu como símbolo do desenvolvimento e da esperança do povo brasileiro. Estes problemas, triviais na sua natureza e pequenos diante das grandes questões nacionais, talvez não sejam importantes a ponto de chamar a atenção dos senhores constituintes. São, no entanto, por demais importantes para a cidade que abriga a Constituinte e que é a capital de todos os brasileiros.

Só resta, portanto, imitar o poeta e dizer: Brasília, quem te viu e quem te vê hoje não te reconhece ou tem pena de ti.

(\*) Doutor (Ph.D.) pela Universidade de Stanford e professor adjunto na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. É pesquisador associado do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais do Japão e ex-visiting scholar da Universidade da Califórnia, Berkeley, Estados Unidos.